A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E PRÁTICAS NA EMEI

CLEODETE DA SILVA

RESUMO
O artigo analisa a construção da identidade da criança negra na Educação Infantil (4 a 5 anos) no contexto da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), destacando que esse processo é influenciado pelas interações sociais e representações no ambiente escolar. Parte-se do pressuposto de que o racismo estrutural e os padrões estéticos eurocêntricos podem impactar negativamente a autoestima e a autoimagem das crianças negras, o acolhimento dessas identidades requer uma revisão do currículo e dos materiais pedagógicos, assegurando que a negritude seja apresentada sob a ótica da reexistência e do protagonismo, e não apenas da subalternidade. Ressalta-se, ainda, a importância da formação docente sensível para identificar e mediar conflitos raciais que emergem precocemente nas relações entre pares. Nesse sentido, a ação docente deve transcender o discurso, materializando-se na seleção de acervos literários plurais, no uso de brinquedos afirmativos e na mediação ativa de conflitos, destacando que esse processo é influenciado pelas interações sociais e representações no ambiente escola, assegurando que a negritude seja apresentada sob a ótica do protagonismo e da intelectualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Lei nº 10.639/03. Relações Raciais. Diversidade. Práticas Pedagógicas. Identidade.

ABSTRACT
This article analyzes the importance of pedagogical practices based on Law 10,639/03 within the context of Early Childhood Education, specifically in Municipal Schools for Early Childhood Education (EMEIs). The main objective is to discuss how the school environment, as the first space for systematic socialization outside the family nucleus, acts in the construction of the child's perception of "self" and "the other." The research highlights how structural racism can prematurely affect the self-esteem of Black children and emphasizes the need for strategies that guarantee the right to recognition and the appreciation of diversity from the earliest years of life. It concludes that the effective application of this legislation is essential to promoting anti-racist education and the healthy development of the identity of all students.

KEYWORDS: Early Childhood Education; Law 10,639/03; Diversity; Racial Relations; Pedagogical Practices.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, etapa que compreende a faixa etária de 4 a 5 anos, é o período em que a criança inicia de forma mais intensa suas trocas sociais fora do núcleo familiar. É nesse contexto que a escola se torna um espaço central para a construção da subjetividade e da autoimagem. No entanto, esse processo não é neutro, pois a percepção que a criança desenvolve sobre si mesma está profundamente ligada às representações sociais que a cercam.

Como destaca Gomes (2005, p. 74), "o corpo negro não é apenas um dado biológico, ele é um dado cultural", sendo lido e interpretado pela sociedade a partir de valores históricos que nem sempre são positivos. Dessa forma, este artigo propõe uma reflexão sobre a importância de trabalhar a identidade da criança negra no cotidiano da EMEI, partindo da premissa de que o racismo estrutural pode afetar a autoestima dos pequenos. A EMEI constitui o primeiro espaço de socialização sistemática da criança. Bento (2012) adverte que a escola, ao não discutir as relações raciais, acaba por silenciar a identidade da criança negra, gerando impactos profundos em sua subjetividade. Para a autora, é fundamental que as práticas pedagógicas transcendam a aceitação passiva da diversidade, promovendo um acolhimento ativo que valorize os traços, a história e a cultura afro-brasileira como elementos constituintes da identidade nacional.

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento da identidade étnico-racial na infância não ocorre de forma isolada, mas através do olhar do "outro" e das representações presentes no am-

biente escolar. Para crianças de 4 a 5 anos, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o aprendizado se dá pelas vivências e campos de experiência. Cavalleiro (2000, p. 24) ressalta a gravidade da omissão escolar: O silêncio diante de situações de discriminação e a ausência de representações positivas do negro no ambiente escolar funcionam como um mecanismo de exclusão, que interfere diretamente na autoestima e na construção da identidade da criança negra desde os primeiros anos de vida.
O fortalecimento da identidade da criança negra ocorre por meio da representatividade material e simbólica. Quando o educador valoriza esteticamente o cabelo crespo e as características fenotípicas, ele combate o racismo estrutural. Conforme afirma Gomes (2003, p. 74), o cabelo é um dos principais elementos de afirmação da identidade negra e símbolo do desafio enfrentado frente aos padrões de beleza europeus. O estudo evidencia que a ausência de representatividade positiva — em materiais didáticos, brinquedos e práticas pedagógicas — contribui para o silenciamento e a negação da identidade racial. Por outro lado, práticas pedagógicas antirracistas, fundamentadas na Lei 10.639/03, mostram-se essenciais para promover o reconhecimento, o pertencimento e a valorização da diversidade.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E A LEI Nº 10.639/03: LETRAMENTO RACIAL, AUTOEXAME E A FORMAÇÃO DOCENTE: INDO ALÉM DA TEORIA

A formação do professor, precisa promover o letramento racial, que consiste em identificar vieses inconscientes: O professor precisa olhar para si mesmo e perceber se oferece menos atenção, menos afeto ou se tem expectativas menores em relação às crianças negras sem perceber.
Combater as microagressões: Pequenas frases ou atitudes que, somadas, ferem a autoestima da criança (ex: comentários sobre o "trabalho" que um cabelo dá ou a surpresa com a inteligência de um aluno negro).

A FORMAÇÃO COMO "EXERCÍCIO ÉTICO"

Diferente de aprender uma nova metodologia de ensino, essa formação exige uma revisão de práticas históricas. O professor formado deve ser capaz de selecionar livros, brinquedos e imagens que tragam o negro em posições de protagonismo e intelecto, e não apenas em papéis de subordinação ou sofrimento.
A formação deve dar segurança para o educador mediar conflitos raciais. Muitos silenciam por "não saber o que dizer"; a formação deve fornecer as ferramentas conceituais para que ele saiba intervir de forma afirmativa.

PROFESSOR COMO MEDIADOR DA REALIDADE

Na Educação Infantil (EMEI), o professor é a ponte entre a criança e o mundo público. Quando o docente é capacitado, ele deixa de ser omisso. Ele entende que o seu "olhar sensível" é o que válida a existência e a beleza da criança negra.
A formação deve ensinar o professor a planejar todas as suas aulas (música, matemática, artes) de modo que a diversidade seja a base, e não um "anexo" no calendário escolar.

OS DESAFIOS DA PRÁTICA

O documento sugere que essa formação deve ser contínua. O racismo é fluido e se manifesta de novas formas; por isso, o grupo de professores precisa de espaços constantes de fala, estudo e troca de experiências para avaliar se suas práticas estão realmente garantindo o direito à identidade.
O conceito do professor como mediador da realidade, especialmente dentro do contexto de educação antirracista, posiciona o educador não apenas como um transmissor de conteúdo, mas como uma ponte crítica entre o conhecimento e o mundo.
Nessa perspectiva, a mediação envolve três pilares principais: 1- Desconstrução de Estereótipos: O professor mediador atua na leitura crítica da realidade. Ele ajuda a criança a identificar e questionar as representações negativas ou limitadas sobre a população negra que aparecem na mídia, na história oficial e no cotidiano. 2- Ampliação do Repertório (Curadoria): a mediação acontece na escolha dos materiais. Ao trazer referências de intelectuais, artistas e cientistas negros, o professor altera a percepção de "realidade" da criança, mostrando que o protagonismo negro é uma parte fundamental e ativa da sociedade, e não algo excepcional ou secundário. 3- Fortalecimento

da Identidade: A mediação ética intervém diretamente na subjetividade. Ao validar a inteligência e a estética da criança negra, o professor atua como um espelho positivo, transformando uma realidade muitas vezes excludente em um espaço de pertencimento e valorização.
"A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura". Essa frase sintetiza a essência da pedagogia crítica, fortemente inspirada por Paulo Freire. ser mediador significa que o papel do educador vai muito além do conteúdo técnico. O que significa "ler o mundo" neste contexto? A Formação é um "exercício ético". O professor "lê o mundo" quando identifica um comentário racista disfarçado de "trabalho que o cabelo dá" e intervém para mudar essa percepção. Ensinar a "ler o mundo" é mostrar a criança negra que o lugar dela na história não é apenas o da escravidão ou da subordinação, mas o da intelectualidade e liderança.
É capacitar a criança a questionar por que certos grupos são invisibilizados nos livros tradicionais, transformando a sala de aula em um espaço de revisão de práticas históricas. Em resumo, o professor mediador não entrega apenas respostas; ele fornece as ferramentas críticas para que a criança, entenda a realidade e se sinta capaz de transformá-la, ensina a ler o mundo que a cerca." O educador deve identificar seus próprios "vieses e micro agressões". Na prática, isso significa: Questionar se as referências (livros, brinquedos, figuras na parede) são majoritariamente brancas ou se refletem na diversidade. Estar atento a expressões cotidianas que reforçam estereótipos negativos sobre o cabelo, a cor da pele ou a cultura de matriz africana.
Escuta Ativa: Estar sensível para perceber quando uma criança negra se retrai ou quando ocorre uma exclusão sutil entre os pares. Introduzir narrativas de protagonismo negro que fujam apenas do tema da escravidão, focando em inventores, heróis, artistas e reis/rainhas africanos. Essa visão transforma a Lei 10.639/03 em uma estratégia de sobrevivência psíquica para os alunos. O objetivo é discutir como práticas pedagógicas fundamentadas na Lei nº 10.639/03 garantem o direito à valorização da diversidade desde os primeiros anos de vida. A aplicação efetiva desta legislação é essencial para promover uma educação antirracista e o desenvolvimento saudável da identidade de todos as crianças, que a efetivação da lei exige uma postura reflexiva do educador sobre suas próprias subjetividades, demandando um currículo que contemple a história e cultura afro-brasileira de forma transversal, combatendo o silenciamento e fortalecendo o pertencimento étnico-racial desde a primeira infância.". Não basta a existência de marcos legais (como a Lei 10.639/03). Reconhecer o racismo estrutural: Entender como a sociedade foi organizada para privilegiar certos grupos e marginalizar outros. É fundamental que a escola ofereça materiais que reflitam a diversidade racial. O trabalho com o espelho, o uso de "lápis cor de pele" em diversos tons e a literatura afro-brasileira com protagonistas negros retintos são estratégias que auxiliam a criança a se enxergar de forma positiva. O professor deve atuar como mediador, intervindo em conflitos e promovendo a ancestralidade africana como um pilar da cultura brasileira, de forma contínua e não apenas em datas datadas como o Dia da Consciência Negra. A EMEI não é apenas um espaço de cuidado, mas o cenário onde as primeiras percepções sobre o "eu" e o "outro" são consolidadas. Educar para a diversidade é, portanto, um ato de justiça social e um cumprimento da legislação vigente, garantindo que a criança desenvolva uma autoestima, resiliência e orgulho de sua ancestralidade.
Entre as principais estratégias destacadas estão o uso de literatura afro-brasileira, brinquedos representativos, valorização estética (como cabelos e tons de pele) e intervenções docentes diante de situações de preconceito. Essas ações, quando realizadas de forma contínua e intencional, fortalecem a autoestima e contribuem para o desenvolvimento crítico das crianças.
O grande erro é tratar o tema como um "evento isolado" no calendário. Para que a educação antirracista seja real, ela precisa sair do mural da escola e entrar na rotina.
Quando o PPP (Projeto Político Pedagógico) assume essa responsabilidade, a escola muda a forma como escolhe seus materiais, como planeja o cardápio (incluindo culinária africana e indígena, por

exemplo) e como os professores mediam os conflitos no pátio.
As perguntas geradoras devem estimular a fala: "Em que momento será abordada a questão racial com as crianças?". Após um comentário preconceituoso no pátio ou na sala?" O acervo de livros e brinquedos da sala hoje contempla a diversidade que temos na escola?" O que já fizemos bem? (Ex: "Trabalhamos o autorretrato"). O que nos falta? (Ex: "Bonecas pretas", "Mais livros de autores negros", "Saber como falar com as famílias"). A EMEI é o primeiro contato da criança com o espaço público. Para que essa experiência seja positiva:A intervenção deve ser imediata: Não se deve ignorar episódios de discriminação sob a justificativa de que "são coisas de criança". O professor deve usar o conflito como oportunidade de aprendizado ético. Promovendo atividades que celebrem a beleza e a diversidade dos traços negros de forma afirmativa, para que a criança desenvolva sua subjetividade com segurança. Romper com o currículo que olha só para a Europa significa reconhecer a África não como um lugar de "escravidão", mas como o berço da humanidade, da matemática, da filosofia e de tecnologias que construíram o Brasil.
A ciência e autores como Cavalleiro, já prova que crianças aos 4 anos não apenas percebem raça, como já estão absorvendo os valores da sociedade. Se a escola finge que elas não veem, ela deixa as crianças negras desprotegidas contra o preconceito que elas já sentem na prática.

INTERVENÇÕES ANTI RACISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Tratar o racismo como estrutural significa que a escola não espera uma briga acontecer para falar de raça. Ela se antecipa, garantindo que o ambiente seja acolhedor 365 dias por ano. Diferente de apenas "não ser racista", ser antirracista exige ações afirmativas para desconstruir desigualdades históricas. Na primeira infância, isso é fundamental porque: Fortalece a identidade: Crianças negras constroem uma autoestima positiva ao se verem representadas em papéis de protagonismo e beleza. Ensinar a reconhecer estereótipos desde cedo impede que comportamentos discriminatórios sejam normalizados, o objetivo de chamar a atenção de profissionais brasileiros da educação, assistência social e saúde sobre os impactos do racismo no desenvolvimento infantil, além de garantir, de fato, um atendimento qualificado e humanizado, que leve em consideração as especificidades étnico-raciais das crianças e suas famílias, apoiando mães, pais ou cuidadores a exercer uma parentalidade positiva e estruturante das bases do desenvolvimento infantil. Para garantir o pleno desenvolvimento de crianças em suas potencialidades, o racismo estrutural e institucional precisa ser enfrentado por toda a sociedade em um pacto coletivo: saúde, educação, assistência social, famílias e a sociedade como um todo, reconhecendo o problema e implementando práticas antirracistas, o que acontece nos primeiros anos de vida é fundamental para o desenvolvimento integral de meninas e meninos, de modo que é preciso que haja investimentos nesta fase para que estes impactos sejam positivos para toda a sociedade. O pleno desenvolvimento da criança só pode ser alcançado com a oferta do cuidado integral, ou seja, com intervenções integradas que ofereçam cuidado responsivo, segurança, proteção contra violências e oportunidades de aprendizado. Para isso pais e professores devem exercer a parentalidade positiva, e os profissionais das redes de saúde, educação e assistência social também devem garantir um atendimento qualificado que leve em consideração as especificidades étnico-raciais das crianças e suas famílias, apoiando-as nesta estruturação das bases do desenvolvimento pleno. Algumas atitudes pedagógicas para situações de racismo na infância: 1. Quando uma criança diz que "não quer dar a mão" ou "brincar" com o colega negro: O que NÃO fazer: Ignorar ou dizer apenas "isso é feio, peça desculpa". O que dizer: "Nesta escola, todos os amigos são importantes e fazem parte da nossa turma. O tom de pele de cada um é o que nos faz um grupo colorido e bonito. Vamos descobrir juntos do que vocês dois gostam de brincar?" 2. Quando surge um comentário sobre o cabelo (ex: "é ruim", "é esquisito"): O que NÃO fazer: Fingir que não ouviu. O que dizer: "O cabelo do [Nome da Criança] é crespo/cacheado e é lindo assim! Existem muitos tipos de cabelos no mundo: lidos, crespos, curtos, com-

pridos... Cada um tem sua beleza. Vamos tocar com carinho e respeitar o jeito de cada um?" 3. Na hora de desenhar (o mito do "lápis cor de pele"): O que NÃO fazer: Entregar o lápis rosa/bege como padrão. O que dizer: "Qual cor de pele você quer pintar? Olha quantas opções de marrom, bege e canela nós temos aqui! Cada pessoa tem uma cor única. Escolha a que mais combina com quem você está desenhando." 4. Para fortalecer a autoestima (no cotidiano): O que dizer: "Que penteado lindo você trouxe hoje!", "Sua pele brilha muito com essa camiseta colorida!", "Adorei as tranças que sua família fez, elas contam uma história linda!" (Sempre valorize as características naturais). 5. Quando um adulto (colega ou família) usa termos inadequados: O que dizer: "Nós estamos adotando uma postura antirracista na escola. Por isso, evitamos termos como 'denegrir' ou 'lista negra', pois associam o negro a algo ruim. Preferimos focar na valorização da nossa diversidade."

EDUCAR PARA O RESPEITO À DIVERSIDADE

Na educação infantil os educadores reconhecem, consideram e valorizam as diversas identidades presentes, sejam raciais, étnicas que permeiam as crianças e suas respectivas famílias. Assumindo como compromisso a promoção de igualdade étnico racial oportunizando ações e reflexões permanentes de valorização das diferenças, através de jogos, brincadeiras, arte culinária, filmes, vídeos educacionais, livros, músicas e danças. Estimulando novos conhecimentos e visões sobre as diferentes culturas africanas afro-brasileiras, indígenas e imigrantes, considerando sempre que todos os povos produzem cultura e conhecimento. Nesses desafios, as práticas pedagógicas em ambientes planejados e organizados de forma a combater o racismo o preconceito e toda e qualquer discriminação racial, desta forma, constrói-se um meio social de percepção positiva das diferenças promovendo a autoestima das crianças, nas quais as crianças possam brincar sem distinção entre brincadeiras e brinquedos de meninos e meninas. algumas Intenções da educação antirracista é valorizar a cultura africana conscientizar todos os envolvidos quanto ao respeito às diferenças, instigar a curiosidade e a busca de novos conhecimentos e levar a autoestima das crianças com elogios e falas positivas. Explorar as possibilidades de expressão criativa dos pequenos e pequenas, significando a representatividade de personagens e personalidades negras. Conhecer-se e construir uma identidade pessoal e cultural de modo, a constituir uma visão positiva de si e dos outros com quem vive. valorizando suas próprias características e das outras crianças e adultos, superando visões racistas e discriminatórias, proporcionar espaços para manifestações artísticas que proporcionam a reflexão crítica da realidade e a importância da criação e manutenção de uma cultura de respeito às diferenças Este trabalho é essencial para a construção de práticas pedagógicas conscientes respeitosas e fundamentadas. trabalhar com as crianças o passado o presente de seus povos originários por meio de pesquisas e vivências significativas, contribui para o entendimento de que as populações resistem, se transformam e seguem contribuindo ativamente para a sociedade.

CONSTRUINDO UM MUNDO DE RESPEITO COM AS FAMÍLIAS

A educação familiar para crianças negras também passa por um "ressignificar", no qual os pais preparam seus filhos para viver em uma sociedade que ainda é estruturada de forma iníqua. Esse suporte é, portanto, um ato de resistência e amor que visa garantir a integridade psicológica e o desenvolvimento pleno da criança. Para garantir que a criança negra cresça segura e fortalecida, é essencial promover um ambiente de acolhimento e diálogo, valorizar a cultura afro-brasileira e ficar atento a sinais de racismo na escola. um entrave aparece com frequência: a resistência de algumas famílias quando o assunto é Educação Antirracista. É bem possível que você já tenha vivido algo parecido; questionamentos sobre conteúdos, desconfiança em relação às intenções pedagógicas e até tentativas de impedir a participação dos estudantes em determinadas atividades. Tudo isso faz parte desse cenário. Entre os perfis mais citados pelos professores em relação aos que se colocam contra as ações antirracistas estão famílias marcadas pelo fundamentalismo religioso combinado com o conservadorismo social, além daquelas que reproduzem - às ve-

zes sem querer - um racismo velado, disfarçado de silêncios ou de frases como "é só uma brincadeira" ou "é coisa de criança". Nessas situações, manifestações culturais africanas e afro-brasileiras acabam sendo interpretadas como práticas religiosas indesejadas. Capoeira, jongo, culinária africana ou símbolos culturais são rotulados como algo que não deveria estar na escola. Dos professores ouvidos, a maioria relatou já ter enfrentado dificuldades com famílias quando o tema da aula envolvia alguma atividade sobre a história ou cultura afro-brasileira.
O que aparece por trás dessas reações é, quase sempre, a dificuldade de compreender a história afro-brasileira e indígena sem os filtros do preconceito e do racismo estrutural que atravessam nossa sociedade. Construção da Identidade: A família é o primeiro grupo social, fundamental para a auto aceitação e o desenvolvimento da autoestima da criança.
Na escola, acreditamos que a Educação Infantil é o espaço onde plantamos as sementes do respeito e da empatia. Por isso, estamos fortalecendo nosso compromisso com uma Educação Antirracista em nosso cotidiano. O que isso significa na prática? Significa que nossas crianças terão contato com livros, brinquedos e histórias que valorizam a diversidade de tons de pele, cabelos e culturas. Queremos que cada aluno se sinta representado e orgulhoso de quem é, aprendendo desde cedo que a diferença nos enriquece. Como vocês podem ajudar em casa?
Valorize a diversidade: Ao comprar um brinquedo ou livro, escolha personagens com diferentes características físicas.
Cuidado com as palavras: Evite expressões que associam a cor negra a algo negativo. Estimule a curiosidade positiva: Se seu filho notar uma diferença física em alguém, explique com naturalidade: "As pessoas são únicas e cada uma tem sua beleza especial". Estamos à disposição para conversar e crescer juntos nessa jornada. Vamos construir, escola e família, um futuro onde o respeito seja a nossa principal lição. O objetivo de aprendizagem deve ser específico. Em vez de "trabalhar as cores", devemos usar "Explorar a diversidade de tons de pele presentes na turma para promover o autorreconhecimento e a valorização das identidades (BNCC: EI03EO01)". Autorreconhecimento e Autoestima envolvem:
A) Identificação: A criança demonstra satisfação ao realizar atividades de autorretrato? Ela identifica suas características físicas (tom de pele, formato do nariz, textura do cabelo) com naturalidade?
B) Pertencimento: Ao ver imagens ou livros com personagens negros, a criança demonstra identificação? (Ex: "Olha, o cabelo dela é igual ao meu!").
C) Estética: Como a criança se refere ao próprio cabelo ou traços? Há aceitação ou desejo de mudança para padrões eurocêntricos

INTERAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO
As interações e a socialização na Educação Infantil funcionam como um termômetro da percepção racial. A observação das brincadeiras livres revela se há isolamento de crianças negras ou se os papéis de protagonismo no 'faz de conta' são distribuídos de forma equânime. A mediação docente torna-se, portanto, indispensável quando surgem comentários sobre cor de pele ou cabelo, evitando que o silenciamento se torne uma resposta padrão e garantindo que a criança negra desenvolva mecanismos de defesa e autoafirmação. Nas brincadeiras livres, a criança interage de forma equilibrada com todos ou há isolamento de alguma criança negra por parte do grupo? Mediação de Conflitos:
Surgiram falas sobre cor de pele ou cabelo durante a interação? Como a criança reagiu a possíveis comentários discriminatórios (silenciamento, tristeza ou defesa)? Papéis no Faz de Conta: Em brincadeiras de "família", "médico" ou "herói", a criança negra assume papéis de protagonismo e cuidado, ou é colocada em papéis secundários pelos colegas? Para compreender como o racismo opera na Educação Infantil, é preciso articulá-lo como um fenômeno que transcende a vontade individual. Segundo Silvio Almeida (2019), o racismo é estrutural: ele não é um ato isolado de um sujeito, mas um componente da própria organização social e institucional que reproduz privilégios e desvantagens raciais de forma quase invisível. No chão da escola, essa estrutura se manifesta por meio do que Eliane Cavalleiro (2001) denomina como a pedagogia do silenciamento. Para a autora, a omissão do educador diante de falas discriminatórias ou a ausência

de representações negras positivas não são atos neutros, mas formas de validar a hierarquia racial. Esse silêncio institucional comunica à criança negra que sua identidade e estética são inferiores, impactando diretamente sua autoimagem e o desenvolvimento de sua subjetividade entre os 4 e 5 anos."

CONCLUSÃO

Conclui-se que a escola não é um espaço neutro. Para que a criança negra de 4 a 5 anos desenvolva uma identidade saudável, é imperativo que o currículo seja explicitamente antirracista. O acolhimento das diferenças e a valorização das raízes africanas contribuem para que todos os alunos aprendam a respeitar a diversidade. A construção de uma identidade negra positiva na infância é um pilar central para o desenvolvimento integral do indivíduo. A escola tem a responsabilidade ética de romper com o silenciamento das questões raciais. Ao investir em uma pedagogia da valorização da ancestralidade, a EMEI pavimenta o caminho para uma sociedade mais equânime, garantindo que os pequenos cidadãos cresçam com segurança sobre sua origem e pertencimento étnico-racial, garantindo que os pequenos cidadãos cresçam com segurança sobre sua origem e potência. A desconstrução da pedagogia do silenciamento no cotidiano da Educação Infantil exige, primordialmente, um investimento contínuo na formação docente. Não basta a existência de marcos legais, como a Lei 10.639/03; é imperativo que o educador passe por um processo de letramento racial que o permita identificar seus próprios vieses e as micro agressões reproduzidas no espaço escolar. A formação, portanto, não deve ser entendida apenas como o acúmulo de conteúdos teóricos, mas como um exercício ético de revisão de práticas pedagógicas que, historicamente, marginalizaram a estética e a história negra. Nesse sentido, a EMEI constitui-se como o primeiro espaço público de socialização da criança, onde o professor atua como mediador da realidade. Quando este profissional é capacitado para intervir positivamente em situações de discriminação, ele interrompe o ciclo de invisibilidade que fere a subjetividade infantil. A formação docente deve, então, fomentar um olhar sensível que reconheça a diversidade não como um tema transversal esporádico, mas como o eixo estruturante de todo o fazer educativo, garantindo que o direito à identidade seja plenamente respeitado desde os primeiros anos de vida. Somado à formação docente, a materialidade do espaço escolar desempenha um papel pedagógico silencioso, porém decisivo, na constituição da autoimagem da criança negra. Uma escola que se pretende antirracista deve realizar uma curadoria crítica de seus acervos literários, brinquedos e iconografias espalhadas pelos murais. Quando a criança de 4 a 5 anos encontra bonecas com seus traços fenotípicos, livros cujos protagonistas negros ocupam lugares de heroísmo e agência, e imagens que celebram a estética afro-brasileira, o ambiente deixa de ser um local de exclusão simbólica. Essa representatividade positiva funciona como um anteparo contra o racismo estrutural, permitindo que o educando construa sua identidade baseada no orgulho e no pertencimento, transformando o "chão da escola" em um território de acolhimento e potência subjetiva.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). Práticas pedagógicas para a igualdade racial na educação infantil. São Paulo: CEERT, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

GOMES, Nilma Lino. O corpo negro e sua dimensão educacional. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. Revista Ação Educativa, São Paulo, n. 18, p. 70-75, 2003.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2003.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.